



Marcos Pinheiro da Silva Junior
SAMBA MEU

Inspirado pelo álbum homônimo de **MARIA RITA**

Alguns discos não necessitam de palavra alguma para defini-los. Imagine então alguém se atrever a não só defini-los, mas também criar um enredo sobre a magia que os discos possuem. Essa é a proposta da **MOJO Books**, que acredita que bons discos, boa música, podem render mais do que aqueles doces acordes que penetram na mente; podem se transformar num trabalho literário que brinque com todos os segredos escondidos nas escalas e nas letras.

Mojo working. Escritores oriundos dos mais diferentes lugares, com influências e estilos únicos, aceitaram esta árdua tarefa: escolher um disco e vertê-lo para a mais pura literatura contemporânea.

Danilo Corci
organizador

mojo
BOOKS

SAMBA MEU
MARCOS PINHEIRO
uma história inspirada por
SAMBA MEU
MARIA RITA

SÃO PAULO, AGOSTO DE 2009
1ª Edição

COPYRIGHT © 2009 BY MARCOS PINHEIRO
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS



PUBLICADO NO BRASIL POR MOJO BOOKS, SÃO PAULO/SP – WWW.MOJOBOKS.COM.BR

SAMBA MEU

MARCOS PINHEIRO

EDIÇÃO: **DANILO CORCI E LUIZ GUILHERME COUTO PEREIRA**

DESIGN: **DELFIN**

REVISÃO: **MOJO FACTORY**

CAPA: **MOJO FACTORY**



SAMBA MEU

MARIA RITA

LANÇAMENTO: **2007**
SELO: **WARNER MUSIC**

PLAYLIST ORIGINAL DO ÁLBUM

1. Samba Meu
2. O Homem Falou
3. Maltratar, Não é direito
4. Num Corpo Só
5. Cria
6. Tá Perdoado
7. Pra Declarar Minha Saudade
8. O Que é o Amor
9. Trajetória
10. Mente ao Meu Coração
11. Novo Amor
12. Maria do Socorro
13. Corpícho
14. Casa de Noca



SAMBA MEU
MARCOS PINHEIRO

Já tem quase um mês que parei de encontrar o pessoal de fim de semana da galera do rock lá na praça. Parei com as maquiagens pesadas e, principalmente, parei de usar a camisa da banda punk brega Sarabulhos. Praticamente eu usava aquela camisa todos os dias, já estava até com alguns furinhos, tava nojenta. Mas hoje ela já virou pano de chão lá em casa.

Ali no pé do balcão da cafeteria eu tentava dar mais sabor àquela minha alegria. Eu parecia uma bêbada olhando o ventilador psicodélico de teto enquanto aqueles sambas rolavam, me fazendo ter a sensação de que anjos cantavam ao pé do meu ouvido. Ao mesmo tempo, eu ficava naquela de querer explodir junto com a música, como se estivesse voando.

Eu estava ali, com uma xícara de *cappuccino* que mais parecia uma obra de arte, com lindos arabescos que os garçons faziam com a espuminha. Mas era uma obra de arte com poucos minutos de vida. Eu logo me deliciava, e por entre a janela olhava os pingos de chuva caírem como uma enorme brincadeira. Eu estava totalmente empolgada e prometia para aquela música, que no momento rolava de fundo, que não deixaria o samba morrer, não, eu não deixaria, jamais! Eu estava numa devoção total olhando aquele pôster do Cartola que se encontrava pendurado na minha frente, atrás do balcão.

Nesse instante o homem que estava do outro lado do balcão, deixando os

farelos do *cream cracker* com goiabada e queijo caírem sobre sua vestimenta de malandro, percebendo meu êxtase pelo samba se aproximou. Percebeu ainda que minha alegria era uma súplica ao desabafo, e assim, ele me se pôs a me ouvir atentamente. Eu prossegui, pois ele já sabia do que se tratava:

Eu passei a frequentar esse espaço quando, aos poucos, fui deixando de lado aqueles encontros na praça. Aquilo que começou na oitava série, quando eu tinha quinze anos e que durou quase dois anos, já não fazia mais parte de mim. Nossa, eu pirei nessa época. Eu confesso: fui uma punk brega fajuta.

O grupinho do meu colégio estavam todos curtindo punk brega, o rock... Eu não podia ficar de fora, era a modinha do momento. Achava o máximo todos nós andando de preto, mostrando realmente quem nós éramos. Nosso lema? Ah, era "rock na veia, pagode cadeia". A gente odiava pagode completamente, mais do que tudo. Quando ouvíamos algum, nós cuspiamos no chão, ou colocávamos as mãos nos ouvidos, tapando. Enfim, para nós na verdade música só valia se fosse o rock. Nacional, internacional, não importava, sendo rock, punk brega...

Eu ia tão na onda dos outros, na modinha, que nem importava o que aquelas músicas estrangeiras falavam. Eu nem procurava saber. Poderia até tá me xingando de vaca, sei lá... O importante é que era maneiro, e era a música que todo mundo ouvia.

— Aí, desculpe. Você veio aqui, todo solidário, tá escutando uma ex-punk brega que está se encantando pelo samba, não só pelo samba, mas por música que toque na alma, que me faça refletir, que carregue conteúdo. Bem, eu nem te

deixei falar, muito menos perguntei seu nome, nem disse o meu. Somente falo, falo e continuo falando, se você não intervir eu vou continuar falando e falando mais!

No canto de sua boca, vi um sorrisinho despertar, e pela primeira vez ele abre a boca e solta a sua voz, uma voz aveludada, aconchegante, parecida com a que eu escutava no samba. Com seus olhos esverdeados ele me fez por um instante desviar a minha tagarelice e prestar atenção somente àquele momento:

— Eu me chamo Gabuh. Nem me importante em não falar nada. Se for pro seu bem, fico aqui até amanhã ouvindo você falar. Mas... Qual é a sua graça?

— Jahara!

Nossa, como ele foi brega nesse instante, soltando essa frasezinha ridícula no final. Mas não importava, isso era detalhe, ele estava me ouvindo, eu estava me sentindo à vontade o clima tava bom e...

— Hum, Jahara... Prossiga, fale mais, me conte a sua história.

— Tá dando corda, então bora lá:

Como eu te falava, eu deixei de frequentar o encontro lá na praça. Sim, somente o encontro estou deixando de lado, pois algumas pessoas isso seria impossível pra mim. Não sei pra elas, se elas aceitarão ter uma ex-punk brega como amiga ainda. A Samla por exemplo. Nossa, é minha melhor amiga, mesmo que ela continue com aquela mania de ficar levantando a saia nos shows do Sarabulhos quando sobe no palco, deixando os garotos lá embaixo verem sua calcinha ensandecidos. Ela é mesmo uma vadia, mesmo assim continuará sendo minha amiga. Mesmo que ela não aceite, ela será eternamente minha amiga, aqui, bem aqui dentro do meu peito!

A VIBE — Vibrações Inteligentes Beneficiando a Existência —, essa livraria que passei a frequentar tinha de tudo um pouco. Era livraria, claro, tinha LPs antigos contrastando com os CDs. Tinha ainda um Cyber Café com deliciosos *cappuccinos*, dos mais variados, os mais gostosos do centro do Rio de Janeiro.

Eu passava pela frente da VIBE todas as tardes na ida e na volta do meu curso de fotografia. Por alguns segundos passava diante dos meus olhos, sorrisos estridentes, gargalhadas gostosas, rostos felizes. Via rapidamente capas belíssimas de livros, CDs e LPs, era fantástico. Sem falar no cheirinho do café que saía de lá e que meus pés sentindo o ritmo daquele local! Durante esse quase um mês, a VIBE serviu de refúgio pra mim. Quase todos os dias eu passava por lá, nem que fosse somente pra observar o movimento. Essa talvez fosse uma desculpa que arrumei pra mim mesma, pois não queria assumir ainda que estava gostando do samba que rolava ali. Às vezes eu tinha até a sorte de curtir um som ao vivo, de alguns artistas que não estavam na grande mídia e que verdadeiramente faziam o som!

Depois de alguns minutos conversando com Gabuh, saí dali aliviada. Era como se ele fizesse parte daquele espaço, um verdadeiro anjo com pelos negros no peito, que saltavam pra fora daquele paletó. Estava ali pra acalentar aqueles que pela primeira vez descobriam a magia do samba. Talvez ele pudesse aparecer em diversas formas, dependendo do som que a pessoa se identificasse mais ali! Eu tô completamente apaixonada pelo samba, mas o que interessa é que não me limito a isso apenas. Tô gostando da música boa, não importa de que gênero. Não curto o que chega involuntariamente aos meus ouvidos, som de massa, a onda do momento... Não!

Gabuh me disse que eu precisava conhecer a Lapa. A noite na Lapa, aqueles arcos monumentais, a música, as pessoas, a energia... Marcamos então! Ficamos de nos encontrarmos às 21h00 no ponto de ônibus próximo da VIBE.

Era domingo. Acordei toda empolgada com o grandioso dia. Da cozinha eu escutava do rádio de pilha o mesmo samba que rolava ontem na VIBE. Logo as coisas foram ficando mais gostosas, mais belas. Fui sendo tomada por uma total disposição. O dia foi ficando mais claro, o canto dos pássaros mais alegre. Abri logo a janela, o sol bateu com tudo no meu rosto, o ar foi circulando, o quarto foi ficando mais amarelo e quente. Na frente do espelho fui logo ensaiando uns passinhos de samba pra mais tarde. O samba foi fluindo, e é engraçado mas parece que todo brasileiro já nasce com samba no pé, basta despertá-lo e o samba sai, o rebolado vem... Comecei a pular na cama, fui dando risadas à toa... Caí, deitei e delirei. Os sambas do rádio da cozinha acabaram e minha mãe gritou de lá que o almoço já estava na mesa. Nossa, como as horas passaram rápido.

Fui comer logo pra poder procurar pelo meu quarto algumas moedas perdidas pra se juntarem com o dinheiro que tinha no cofrinho. Antes mesmo de ir lá pra Lapa, peguei o que tinha de grana e parti lá pra VIBE. Gabuh dessa vez não estava, mas nem por isso o ambiente deixava de ser charmoso e aconchegante.

Tava com o dinheiro em mãos e sem nenhum pensamento sobre o que iria comprar. Ah, compraria o que o dinheiro desse, PRONTO! Porém, por pura sorte eu consegui comprar um CD do Cartola com a música do dia em que delirei e encontrei Gabuh.

Já estava chegando o momento de ir lá pro ponto de ônibus. Tomei um bom banho, lavei bem meu rosto pra tirar qualquer resquício de maquiagem *punk* brega. Procurei por entre minhas roupas antigas algo mais colorido e que me coubesse. Achei um shortinho jeans. Corri pro quarto do meu irmão mais velho, onde ele sempre abate algumas potranças e por puta sorte achei uma regata branca. Calcei chinelinho de dedo rosa, catei o agasalho do colégio azul com listas brancas na manga, pra caso fizesse um friozinho. Mas eu tinha certeza de que por lá o calor ia ser intenso.

Parti escondida da minha mãe, se eu falasse que ia pra Lapa, com um cara que eu nem conheço direito e mais ainda, mais velho do que eu... Ela com certeza não deixaria. Não queria saber o que aconteceria quando eu chegasse. Dei um perdido na minha mãe e simplesmente fui!

Assim que dobrei a esquina, já vi Gabuh no ponto me esperando. Não esperamos muito e o ônibus chegou. No caminho Gabuh foi falando de seus dois filhos, um de dois e outro de quatro. Falou que eles nasceram ouvindo samba e mesmo dentro da barriga, a mãe deles colocava um sambinha como som ambiente pra relaxar em certos momentos. Me disse ainda que sua mulher há dois meses fugiu com o palhaço do circo que tinha se instalado próximo à casa deles. Pra seu total desespero, levou as crianças.

Chegamos à Lapa. A atmosfera de lá é verdadeiramente incrível. Já rolava um som quando chegamos, era um samba mais contemporâneo, que já passei a gostar. Ali era uma espécie de *underground* do samba. Muita gente jovem fazendo e curtindo o samba. Tamborins, pandeiros e cavaquinhos misturavam-se ao piano, violoncelo, violino. Era a coisa mais linda! Gabuh foi logo pro quiosque. Vi

logo que era um boêmio daqueles. Me largou ali de frente ao palco, não resistiu e partiu para aquele oásis. Uma carrocinha com pipoca, algodão doce e maçã do amor se encontrava ali por perto. Ali não tinha nenhum parque de diversões, muito menos circo, ali era uma verdadeira diversão, talvez por isso que aquele senhor se encontrava lá. Fui e comprei uma maçãzinha.

Decidi dar uma voltinha pelo local. Já vi que Gabuh estava bem alegre aí voltei, parei e fiquei observando um pouco e logo meus pensamentos foram se tornando pura luxúria. Imaginei as nossas línguas loucas se encontrando, mordidas na orelha, língua no mamilo, corpos juntos suados. Não, chega! Parei com os meus pensamentos, dei meia volta e continuei meu *tour* pela Lapa.

Já lá por entre os arcos, achei uma máscara, daquelas de carnaval, bem colorida. Aproveitei que estava com elástico e coloquei. Voltei lá pra onde a música rolava e já não encontrei mais Gabuh. Percebi que uma garota, por sinal muito gostosa, não parava de me olhar, desde que cheguei. Retribuí, dei uma piscada pra ela, que me devolveu um sorrizinho safado. Achei-a simpática. Deixei a máscara cair enquanto eu andava sem destino certo. Ela me seguia.

Acabamos indo pra uma rua deserta, de casas antigas. Já era quase meia noite. Encarei ela, olhei profundamente em seus olhos. Não precisávamos dizer sequer uma palavra. Beijei-a loucamente, as mãos mutuamente percorriam cada parte do corpo. Senti seus mamilos eriçados, beijei a sua nuca e ela quase soltou um urro de prazer. Por fim, ela levantou minha regata e lambeu meus seios. Depois nos desgradamos. Cada uma seguiu seu caminho. Não soube seu nome, nem ela o meu. Simplesmente nos entregamos ao desejo, nos amamos por alguns minutos. Ambas estavam com vontade de beijar, não importava quem.

Para minha segurança decidi pegar um táxi ali mesmo na Lapa. Achei o Gabuh caído na beira do quiosque. Procurei em seus bolsos, vi que ainda tinha grana, dava pra pegar um táxi. Com a ajuda do barrigudo do motorista, colocamos ele no carro.

Parei no ponto de ônibus próximo à VIBE e deixei Gabuh ali. Já eram quase três horas da manhã quando cheguei em casa sem ser percebida por ninguém. Entrei na pontinha do pé, tinha levado a chave...

Deitei na cama e nem consegui dormir pensando nos acontecimentos vividos naquelas horas. Sons novos, misturado com um amasso com outra garota, a noite boêmia que é perigosa, o pau do Gabuh que vi quando abaxei as suas calças lá no ponto de ônibus, assim que o táxi se foi. Não resisti, não tinha ninguém na rua, ele estava praticamente desmaiado. Eita, nunca tinha visto um assim, ao vivo... Foi divertida essa noite. Gostosa e proveitosa.

Acordei toda ensopada de suor no dia seguinte e com aquela sensação de não ter dormido o suficiente. Poxa, segunda-feira dá aquela vontade de ficar mais um pouco na cama. Sempre dá, né? Mas eu tinha que ir, tinha que contar pra Samla tudo que sonhei. Tinha certeza que ela ia rolar no chão de tanto rir.

— Samla, Samla...

— Que é garota?

— Menina, eu fui pro samba, eu caí na roda, me apaixonei pelo samba...

— NÃO... Não, não, não, não, não. Você só pode tá brincando. Jahara, Ja-hara. Tu bateu com a cabeça no criado-mudo, só pode ter sido. *Oh, my God!*

— Para garota. Eu sonhei.

Eita, tu não me apronta mais uma dessas, muié!

- Deixa eu te falar, tu já comprou o novo CD dos Sarabulhos?
- Tá lesa, né, minha fia. Eu já bai-xei! Alôôôôô!
- Ah, depois eu vou lá na tua casa pegar.
- Belê...!

Nesse mesmo dia, à noite, deitada na cama, escutando o novo CD dos Sarabulhos, sob luz alguma, eu chorei. Como podia eu me reprimir assim? Como eu podia deixar me levar pelas opiniões dos outros, não escutando meus sentimentos e anseios? Não! Eu não serei mais prisioneira desse som. As férias estavam chegando, eu tinha que mostrar quem eu verdadeiramente sou e quero ser. Na praça, combinei com a galera de irmos a uma festa à fantasia. Não disse o local, nem o tipo de gente que iria, muito menos o som que ia rolar.

Era à tarde e eles estavam desconfiados. Eu insisti, disse que seria legal só pelo fato de que iríamos pegar emprestadas, vamos dizer assim, algumas peças lá do teatro do colégio. Aí eles ficaram mais empolgados. Pulamos o portão, o guardinha roncava e babava. Como o teatro ficava independente do prédio do colégio, ficou mais fácil. Estávamos eu, Samla, Teka, Lipe e Endrius, morrendo de medo de que fôssemos descobertos. Como nos filmes, com um clipe Andrius conseguiu abrir a porta dos fundos do teatro, que dá acesso aos camarins.

Pronto, cada um foi pegando a sua fantasia. Eu peguei a de índia, Samla tava de colegial, Teka escolheu a de bailarina, Lipe se identificou com a de Gorila e Andrius foi de drag queen. Ele fez um mix de peças femininas, a Teka emprestou a botinha dela e ele estava pronto pra arrasar. O espírito da festa já estava fazendo efeito. Agora o momento mais crítico seria sair dali, com aquelas fantasias, sem chamar muita atenção e ainda ter que pular o portão mais uma

vez. Bem, mas lá fomos nós.

Pulamos e não tínhamos tempo a perder. Corremos, ainda tínhamos outra aventura: ter de pedir carona até as proximidades de Copacabana. Passaram uns cinco carros e nada. Depois de muita perninha à mostra, no sexto carro, ou melhor, um caminhão que transportava galinhas, aí sim conseguimos. Tínhamos duas opções: ou era esse, ou era esse. Nós escolhemos a primeira, achamos melhor. O caminho até a festa foi pura diversão. A gente mexia com quem tava na rua, dava tchau pra criançada... Os meninos foram que fizeram mais sucesso, claro!

O agito da festa já podia ser sentido. A gritaria... A marcação do tamborim era precisa. O som do cavaquinho era agradável e as caras dos meus amigos murchavam, dando início a uma sequência de perguntas todas embaladas, feitas de uma só vez. Uma se sobressaía:

— Jahara, como é que você traz a gente pra um inferno desses?

Manifestou-se Endrius. Eu tentei acalmar.

— Minha gente, calma. Vamos lá, se não tiver bom, a gente volta.

— Bom, como é que isso pode ser bom, menina? Disse Samla enfurecida.

— Vamos?

Depois de muito insistir, consegui carregá-los até Copacabana, onde uma multidão adorava samba novo, antigo e as inesquecíveis marchinhas de carnaval. Estavam todos naquele bloco da alegria.

Na esquina, enquanto todos estavam sentados na beira da calçada frustrados com o ambiente, eu me libertei. Desengonçadamente eu sambei, mas pulei e gritei com perfeição. Vibrei, enquanto meus amigos já começaram a me

estranhar. Não, mintos. Eles começaram a me estranhar desde que chegamos ali.

Passado algum tempo eu já via seus pezinhos se mexerem. Lipe improvisava um instrumento qualquer batendo com as mãos em seu peito. Foi então que Endrius jogou a toalha. “Ah, me rendo. Não aguento mais. Aí, Mona, que tortura sacana essa. Vou me jogar.” Logo Samla entrou no clima, se levantou e se juntou à minha alegria, soltando pra Endrius um “arrasa, bi!”.

Quando que aquela multidão se aproximou perdemos a Samla, quando fomos ver já estava em cima de um carro enlouquecendo os cuecas de plantão, sambando de um jeito que eu nunca imaginei que ela sambasse. Teka e Lipe me acompanhavam felizes e quase chorando, emocionadíssimos agradeciam e diziam que nunca imaginavam que fossem se divertir assim. De como era bacana manterem-se abertos à música boa.

Terminada a festa/terapia, consegui arrancar a Samla daquele carro pra irmos procurar o Endrius. Não seria difícil, ele não estava nada discreto. Foi aí que tivemos a surpresa. O encontramos encostado a um coqueiro, aos amassos com um gringão, parecia que era alemão. Nossa, quanta volúpia, meu Deus! Jogamos água nos dois e eles se desgrudaram.

Fomos em busca do pior boteco de Copacana. E achamos. Sentamos ali na mesa da calçada, pedimos aqueles ovos cozidos coloridos e uma garrafa de tubaína pra cada um. Ficamos ali, nos acabando no lachinho que poderia nos dar dor de barriga naquele dia, mas era bem isso que nós queríamos, marcar de alguma forma esse dia, nem que todos ficassem o dia todo na privada ou que todos fossem parar no hospital por infecção alimentar... Nosso espírito nunca deixaria de ser brega!



mojo
BOOKS

www.mojobooks.com.br